

18 DE ABRIL DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 28108
de 18 de Abril de 2008
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



CAPELAS V

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Com a edição "Capelas V", concluímos a ronda pelas capelas de Esposende, no âmbito do suplemento "Património" do *Diário do Minho*. A partir da próxima semana daremos início ao último item deste suplemento, as "Casas com História" do concelho.

Na edição de hoje vamos percorrer as freguesias que ainda não tinham sido contempladas, isto é, Curvos, Forjães, Apúlia, Fonte Boa, e Rio Tinto. Assim, abordaremos as capelas de S. Roque, Senhora da Graça e Boa Sorte ou Boa Morte, em Forjães; a capela da Senhora da Alegria ou dos Reis Magos, em Rio Tinto; capelas de S. Torcato ou S. Miguel, Senhor dos Passos e Senhor dos Aflitos ou da Rateira, em Curvos; capelas de Senhora das Graças e Santo António, em Fonte Boa; e, finalmente, as capelas de S. Bento, Senhora da Guia e Senhora da Caridade, em Apúlia.

Como ficou expresso nas edições anteriores, as capelas, com as suas padroeiras ou padroeiros, aumentam em muito a riqueza patrimonial do ponto de vista arquitectónico, religioso, histórico e cultural, além da coesão social que representam. Basta ver a união à volta das capelas e as suas festas, um forte sentimento de pertença, por vezes até exagerado.

Por isso, tanto as capelas como as suas festas são um importante património a preservar. São elas que vão dando alguma vida às aldeias.

Peste de 1598 determinou construção da capela de S. Roque

no seu livro "História do Souto de São Roque de Forjães".

O autor sustenta que «o povo carecido das mais elementares condições de vida, sentindo-se desamparado, faminto e ameaçado continuamente pela doença e pela morte, recorria a Deus por intercessão dos seus santos».

Assim, na opinião de Carlos A. Brochado de Almeida, expressa no livro "Santa Marinha de Forjães – Memórias de uma Paróquia do Minho", «foi certamente a peste de 1598 que determinou a construção de uma capela, sob a invocação de São Roque, num espaço ermado, num frondoso souto situado no lugar do Cerqueiral o qual, com a edificação da capela, passou a chamar-se Souto de São Roque».

O historiador realça que, ao contrário de outras capelas, desta conhece-se o documento da sua construção e, «de acordo com o Registo Geral do Arquivo Distrital de Braga», este pequeno templo foi fundado «em 1598, mas a escritura da transferência do património só aconteceu no dia 15 de Julho de 1600».

«Tomou posse dela, em nome da paróquia, o vigário padre Manuel Martins das mãos do padre Domingos Álvares e na presença de várias testemunhas e naturalmente dos doadores. Estes foram Manuel Vello e sua mulher Ana Ribeiro que, para a concretização da obra, tiveram o apoio de alguns paroquianos que transportaram a pedra em carros de bois e outros, de acordo com a tradição, à cabeça, para se penitenciar dos pecados cometidos», acrescenta.

Isto mesmo também é contado por Justino Moreira no seu livro, afirmando que, «segundo uma tradição contada por alguns que ouviram dos seus antepassados, a pedra era transportada à cabeça pelas pessoas, em sentido de reparação e penitência, meio mais eficaz para que Deus, por intercessão de São Roque, afastasse o terrível flagelo da peste».

Obras realizadas no século XVIII

Carlos A. Brochado de Almeida refere no seu estudo que, desde a sua fundação, a capela de São Roque sofreu algumas alterações. «De acordo com uma inscrição patente no púlpito ficamos a saber que este foi ali introduzido no ano de 1760, mas será em 1871 que levará uma significativa reforma, que lhe alterou a estrutura e lhe deu a fachada que actualmente sustenta», afirma, acrescentando ainda que, «só alguns anos mais tarde, em 1877, é que será construído o paredão que



> A capela de São Roque ficou com o seu aspecto actual com as obras realizadas em 1871

circunda a parte mais acidentada do morro onde a capela foi construída». Já no início do século XX, em 1902, este pequeno templo foi alvo de algumas beneficiações, como o arranjo do telhado, a substituição do soalho e a pintura das paredes. «A última grande beneficiação aconteceu no ano de 1988. Naquela altura foi-lhe colocado um novo telhado, o soalho foi substituído por tijoleira, as paredes foram restauradas e as portas e janelas foram reparadas ou substituídas», conta o historiador, salientando que, pelo seu interesse patrimonial, a capela de São Roque foi classificada em 1989 como Imó-

vel de Interesse Concelhio.

Este é um templo de planta rectangular, com uma nave, voltado a Poente, possuindo «a capela-mor destacada, feita nos finais do século XIX, quando o templo foi alteado, com o seu alçado principal sublinhado por um óculo circular e uma platibanda com o relevo estilizado de um anjo», descreve Brochado de Almeida.

O historiador acrescenta também que a capela de São Roque «está pontuada por uma cruz florenciada assente em plinto decorado com volutas, num estilo que perdurou ao longo dos séculos XVIII e XIX».

Na fachada do templo salienta-se a entrada de arco abatido, coroada com frontão triangular, sobre-elevado e curvo.

Para Carlos A. Brochado de Almeida, «falar da capela de São Roque é» também «mencionar os seus santos residentes», ou seja, S. Roque, Santo Amaro e S. Vicente», não esquecendo a festa que ali se faz todos os anos. «Esta tem tido altos e baixos, sendo actualmente assumida maioritariamente pelos moradores do lugar de Cerqueiral que, nos últimos anos trouxeram, como atracção, as corridas de cavalos», afirma o historiador.

No lugar do Cerqueiral, na freguesia de Forjães, está erguida a capela de S. Roque que, segundo os investigadores, foi inaugurada em 1600 e terá sido construída na sequência da peste de 1598. «A partir do ano de 1504 assiste-se a uma série de dolorosos flagelos em que as populações são massacradas por terríveis epidemias, sendo de salientar os anos de 1505, 1510, 1514, 1521, 1525, 1527, 1569, 1579 e 1598. Esta última estende-se até 1603, sendo conhecida pela "peste pequena ou de Flandres", que entrou em Portugal vinda dos lados de Espanha», afirma Justino Moreira

Capela da Senhora da Graça foi construída pelos fregueses

A capela de Nossa Senhora da Graça, no lugar da Santa, em Forjães, foi construída pelas pessoas da freguesia, tal como indica uma cartela que se encontra por cima da entrada principal do pequeno templo.

A data da sua edificação é desconhecida, contudo, sabe-se que, no século XVIII, esta era a única capela pública existente em Forjães. Isto mesmo é indicado nas Memórias Paroquiais de 1758, transcritas por José Viriato Capela no livro "As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758 - A construção do imaginário minhoto setecentista". Segundo o pároco de então, a capela «da Senhora da Graça hé do povo».

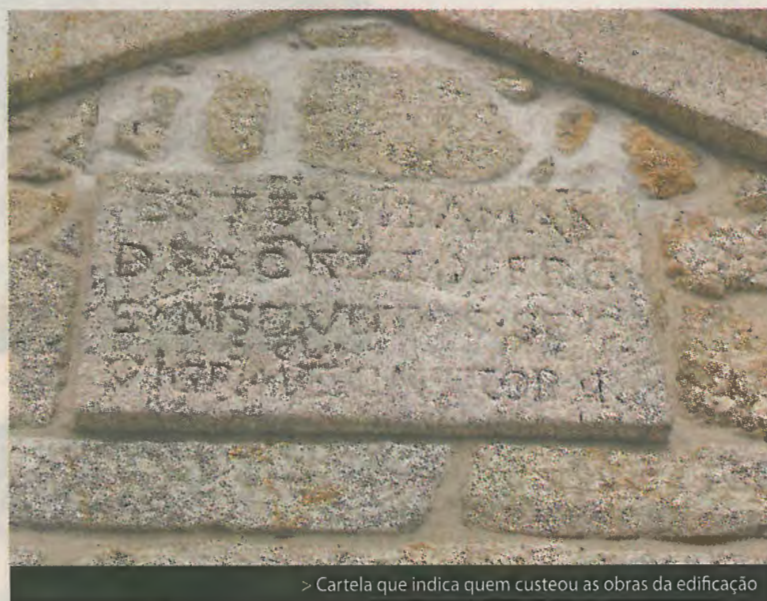
Ainda segundo o sacerdote, «tem a freguesia duas capellas ou ermidas antigas, huma de Sam Roque e outra de Nossa Senhora da Graça que se festeja no dia vinte e cinco de Março em cujo dia lhe vem fazer romagem algumas freguezias com procissão».

Assim, verifica-se que, em 1758, este pequeno templo já era considerado antigo, atraindo muitos devotos no dia da festa. No seu livro "Santa Marinha de Forjães - Memórias de uma Paróquia do Minho", Carlos A. Brochado de Almeida afirma que «a capela de Nossa Senhora da Graça não tem a data da sua construção gravada como a de São Roque, somente numa cartela, que se sobrepõe à porta da fachada principal, diz-se que "Esta Ermida mandaram fazer os fregueses e mais devotos sendo vigário Manoel de Castro Barreto"».

Para o historiador, à falta de um documento escrito ou de uma inscrição gravada em qualquer uma das pedras da capela com a indicação de uma data que forneça uma pista sobre a edificação, devemos recorrer ao cruzeiro erguido junto ao pequeno templo. «Socorremo-nos da data de 1673 que há no plinto do cruzeiro erguido a alguns metros a poente da capela. O cruzeiro e a tipologia da capela estão de acordo com a arquitectura da época, pelo que não espanta que ali, em 1681, se fizessem procissões», sustenta. Para Carlos A. Brochado de Almeida, «se as faziam é porque a capela já havia sido construída no meio de seculares carvalheiras» e, «os grandes ramos de duas destas carvalheiras causavam danos no telhado e impediam a passagem da cruz por ocasião das procissões». «Perante o perigo e o embaraço que as árvores representavam, a solução encontrada pelo Visitador foi ordenar que os



> A capela da Senhora da Graça é do século XVII.



> Cartela que indica quem custeou as obras da edificação



> Plinto do cruzeiro onde está a data de 1673

donos cortassem os carvalhos que havia em redor de "doze palmos", sob pena da aplicação de uma pesada multa. Nada menos que "coatro mil reis", acrescenta. O historiador conta também neste seu estudo que a capela de Nossa Senhora da Graça sofreu várias obras ao longo dos séculos, tendo sido a última intervenção de fundo realizada em 1989. Nesse ano foram substituídos o telhado e o madeiramento, foi colocada uma placa de cimento e substituída toda a instalação eléctrica.

Obras na capela

Antes destas obras, custeadas com o dinheiro sobrando das festas, houve ainda uma intervenção realizada em 1981, totalmente paga por subscrição pública. Nestas obras, que estão perpetuadas numa inscrição junto à capela, foi retirado todo o reboco exterior do pequeno templo, dando-lhe um ar mais rústico. A festa de Nossa Senhora da Graça realiza-se a 12 de Junho ou no domingo mais próximo deste dia. Um dos pontos altos desta festividade é a procissão da manhã, que sai da

igreja paroquial de Forjães em direcção à capela. Segue-se depois a missa solene, realizando-se, à tarde, uma nova procissão que percorre os cruzeiros existentes.

Outras capelas de Forjães

Para além das capelas de Nossa Senhora das Graças e de São Roque [pág. II], existem em Forjães outros pequenos templos. Um deles é dedicado ao Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores, e está

situado no interior do adro da igreja paroquial. Em estilo neo-gótico, esta capela foi construída em 1958, tendo sido totalmente paga pelo padre Joaquim Ribeiro de Campos Lima. Por outro lado, existe ainda nesta freguesia de Forjães a capela da Senhora da Boa Sorte, no monte do Branco, que também merece uma referência neste trabalho. Segundo Teotónio da Fonseca, no seu livro "Espozende e o seu Concelho", editado em 1936, esta capela «é particular e tem sobre a porta a inscrição: F. 1919».

INVOCAÇÕES DOS REIS MAGOS, SENHORA DA ALEGRIA E SENHORA DA GRAÇA

Seiscentista capela de Rio Tinto

“protegida” por três padroeiros

A capela de Rio Tinto, fundada nos primeiros anos de 1600, será das mais bem “protegidas” do concelho de Esposende, uma vez que tem pelo menos três oragos ou padroeiros: os Reis Magos, Senhora da Alegria e Senhora da Graça. Mas refira-se, ainda que, nas “Memórias Paroquiais de 1758” diz-se que também se invocava Nossa Senhora do Rosário.

Ainda assim, apesar dos muitos “protectores”, o pequeno templo tem vindo a dar sinais de ruína e não escapou à ganância dos saltadores de templos que “andam aí”. Um dos roubos mais significativos foram as imagens dos Reis Magos, padroeiros da capela. Talvez por isso, os Reis Magos estejam a escapar-se da memória das gentes de Rio Tinto. Hoje, a capela é mais conhecida como sendo da Senhora da Alegria, cuja imagem se encontra no altar.

Soubemos que, felizmente, a capela vai ser recuperada, e tudo indica que possa ser ainda neste Verão. Trata-se de uma decisão importante e uma boa nova. A capela é propriedade dos herdeiros de António Machado Gomes, que assim decidiram preservar um património antigo. Segundo investigação de Manuel Albino Penteadó Neiva, autor do livro “Rio Tinto, Sua Terra – Sua Gente”, a capela terá sido edificada nos primeiros anos do século XVII, entre 1610 e 1620. O fio condutor da investigação foi “desatado” entre o Arquivo Municipal de Vila do Conde e a obra “Ensaio Iconográfico: Exposição Mariana”, do padre Manuel

de Aguiar Barreiras.

No fundo documental dos Arquivos dos Condes de Azevedo, Penteadó Neiva descobriu um manuscrito intitulado “Certificado do P.e Paulo de Araújo”, «que foi Abade de Rio Tinto em finais do séc. XVII, princípios do séc. XVIII. Essa memória é datada de 1707. Segundo essa memória, a capela foi instituída por Justa Dias, que era natural de Esposende mas casada em Rio Tinto com António Gonçalves que tinha a profissão de alfaiate».

As informações sobre o alfaiate foram confirmadas nos Registos Paroquiais, quando esse António Gonçalves foi padrinho de baptismo de uma criança, em Novembro de 1571. A quantidade de vezes que ele serviu de padrinho levou o historiador a concluir que seria um homem «influyente», assim como os seus irmãos. Outro dado que leva Penteadó Neiva a pensar que seriam de uma família importante é o facto de um descendente ter sido baptizado pelo Arcebispo de Braga, D. Frei Agostinho de Jesus. Este casal vai dar o nome dos três Reis Magos a três dos filhos: Gaspar, Melchior e Baltazar Lopes. O que mostra a devoção para com os Reis Magos. Já havia outras pessoas com estes nomes, com quem a família se relacionava.

Panteão de família

A data exacta da construção da capela não é conhecida. Sabe-se que, em 1624, o casal Gaspar Lopes e Maria Antónia, moradores da Quinta de Rio Tinto, pediu licença não só para construção de uma ermida,

mas também para nela se dizer missa. Três anos depois, reforçaram o pedido. No entanto, Monteiro dos Santos admite que essa capela terá sido construída ainda no século XVI, tendo em conta que seria Justa Dias, falecida em 1595, a mandante da edificação, como testemunharia o seu testamento. Porém, é bem possível que tenha deixado expressa essa vontade no testamento, mas a concretização tenha sido anos depois.

«Cremos mais que a edificação da mesma se tenha dado entre 1610 e 1620», refere Penteadó Neiva. Era tradição da época que capelas particulares fossem transformadas em panteão de família, isto é, a sepultura dos familiares. Esta família não fugiu à tradição e, em meados do século XVII, Gaspar Lopes pediu a transladação do corpo da mãe, Justa Dias, da igreja paroquial para a capela da família. Uma autorização concedida no dia 4 de Fevereiro de 1652. Ao longo dos anos, muitos descendentes foram ali sepultados. Ainda existem ali algumas sepulturas, mas estão descaracterizadas. No livro de Penteadó Neiva pode ler-se uma série de dados relativos à capela, desde doações a recomendações dos visitantes. Como foi dito no início, esta capela está sob protecção de três oragos, sendo que é popularmente conhecida como capela de Nossa Senhora da Alegria. No inquérito paroquial de 1845 é referida como sendo da Senhora da Graça. Saúde-se a sua recuperação. Até porque, a sua talha, de estilo renascença, continua a ser interessante.



> Capela da Senhora da Alegria ou dos Reis Magos



> Imagem da padroeira, num altar de estilo renascença



> A capela vai ser intervencionada, provavelmente no próximo Verão

CAPELAS DO SENHOR DOS PASSOS, DA RATEIRA E S. TORCATO E S. MIGUEL

Estado das capelas de Curvos honra os seus padroeiros

A freguesia de Curvos tem três boas capelas, sendo que as duas paroquiais estão em bom estado de conservação, honrando os seus padroeiros e a sua história. As duas capelas da paróquia são as de S. Torcato e de S. Miguel e Senhor dos Aflitos, também conhecida por capela da Rateira, e ainda outra capela do Senhor dos Passos, esta particular, junto à igreja paroquial. A capela de S. Torcato e S. Miguel, no lugar de Frossos, tem história e algumas curiosidades interessantes. Desconhece-se a data da sua construção, no Monte de S. Miguel. Teotónio da Fonseca, no livro "Espozende e o seu concelho", diz que esta capela existia no monte com o mesmo nome, «mas caindo em ruína, foi demolida e a imagem do seu padroeiro foi colocada em altar na capela de Santo Torquato, construída há uns vinte anos pouco mais ou menos». [O livro saiu em 1936]. Ora, o padre Armindo Patrão, pároco de Curvos e arcepreste de Espozende, tem uma versão mais completa. Segundo este sacerdote, a capela foi demolida e trasladada para o lugar de Frossos, onde foi reconstruída pedra a pedra. A transferência terá acontecido em 1901. «Quando foi trasladada para o actual espaço assumiu como patrono S. Torcato e um "sub-patrono que é S. Miguel», explica o padre Patrão. Desconhecem-se os motivos, mas pensa-se que seja por inspiração da devoção a S. Torcato, em Guimarães. Aliás, há uma pintura na parede da capela, com a data de 1901, cuja imagem é S. Torcato, tal como está, "incorrutível", no seu santuário em Guimarães. Uma data que coincide com a reconstrução da capela, no lugar de Frossos. A data de 1903, perpetuada no altar de S. Torcato, é outro dado que confirma o dealbar do século XX como época da reconstrução.

A paróquia tem uma acta da transposição da capela. Não avança os motivos, mas acredita-se que tenha sido, entre outras razões, para a aproximar do núcleo populacional. O famoso padre Avelino de Jesus Costa também escreveu sobre a capela, estabelecendo semelhanças entre Frossos de Curvos e a freguesia de Frossos, em Braga. «Já no meu tempo, há cerca de 12 anos, [1996] fizeram-se aqui obras importantes, que passaram por colocar telhados novos, refazer o pavimento, douramento dos altares, dando, assim maior dignidade à capela. Até porque temos aqui o Santíssimo e missa to-

das as terças-feiras», disse.

Outra curiosidade desta capela é o facto de, quando faziam festa na capela, celebrava-se S. Torcato por ocasião de S. Miguel.

Senhor dos Aflitos ou da Rateira

Outra capela importante de Curvos é a do Senhor dos Aflitos, popularmente conhecida por "Rateira", provavelmente pela quantidade de ratos existentes na localidade. Não é muito antiga, será do tempo das invasões francesas, ainda que tenha sido concluída só em 1832.

Segundo o padre Patrão, a edificação da capela estará relacionada com alguém em desespero. «Algum devoto que, em aflição, por causa da invasão das tropas de Napoleão, terá feito a promessa. Ou seja, caso escapasse das mãos dos algozes, ergueria uma capela». Esta estará ligada à do Senhor dos Desamparados, no monte com o mesmo nome, em Palmeira de Faro, esta construída nos primeiros anos do século XIX. Recorde-se que as tropas francesas estiveram nessa zona no dia 13 de Abril de 1909. [Já dedicamos uma edição sobre o tema das invasões das tropas comandadas pelo marechal Soult].

De acordo com o pároco de Curvos, o início da construção terá sido em 1817 e só foi inaugurada em 1832. «Quando aqui cheguei não estava muito degradada, mas esteve aqui um senhor que percebia pouco de obras e fez aqui os maiores disparates, tanto no interior como no exterior. Chegámos aqui, despimos a capela daquilo que estava mal e rusticámos-la por fora. Isto porque estava rústica por dentro e fizemos exactamente o contrário. Enchemos



> Capela de S. Torcato e S. Miguel, em Curvos

as paredes por dentro, com tinta e cal, até para aquecer um pouco o ambiente, e rusticámos-la por fora. Sendo ela construída em granito, em bom estado, merece mostrar as pedras. Foi o que fizemos, ao mesmo tempo que reparámos o tecto e montámos a tribuna», contou. A capela tem imagens bastante valiosas, com destaque para uma Senhora com dois meninos ao colo, um de cada lado. «É uma imagem que considero única. Não sei que Senhora é aquela. Será Jesus e o primo S. João Baptista?». Junto à igreja paroquial está a capela do Senhor dos Passos. É particular, com um frontal bem decorado com os símbolos do martírio de Cristo na cruz.



> Altar-mor e imagens da capela da Rateira



> Altar lateral, de 1903, com imagem de S. Torcato

FREGUESIA DE FONTE BOA TEM QUATRO CAPELAS

Capela de Nossa Senhora das Graças será reminiscência da igreja da Alapela

A freguesia de Fonte Boa, que antigamente era designada por Fonte Má, tem quatro capelas, sendo que a renovada e ampliada capela de Santo António é a mais nova e arquitectonicamente mais pobre. No sentido contrário, a mais valiosa é a de Nossa Senhora das Graças que, tudo indica, será uma reminiscência da antiga igreja da paróquia de Lapela ou Alapela.

Já o dissemos, mas vamos aqui recordar que a actual paróquia de Fonte Boa é resultante da junção das antigas paróquias de Santa Maria da Alapela e a de São Salvador. Em 1542, Santa Maria da Lapela, então padroado do Duque de Bragança, foi absorvida por São Salvador. Manuel Albino Penteado Neiva diz na sua publicação "Fonte Boa: Passado e Presente", que a capela da Senhora das Graças é «sem duvida, o reminiscente da antiga igreja paroquial, da extinta freguesia medieval de Alapela».

No entanto, esclarece, da primitiva igreja pouco ou nada resta. «Sabemos que em 1701 já estava completamente em ruínas, construindo-se, ou talvez reconstruindo-se o actual templo no local primitivo», refere. Ou seja, trata-se de uma edificação ou reedificação no dealbar do século XVIII como, aliás, mostra a traça. No Livro de Usos e Costumes referente à época em causa, consultado por Penteado Neiva, diz-se que «esta dita igreja da Alapela se achava sita nesse lugar da parte de baixo, à direita vindo pela estrada corrente que vai para a Barca do Lago [em Gemeses] e arruinando-se de todo a tal igreja, fizeram os moradores a capela da Senhora das Graças, de frente da igreja velha (1771) e da parte de cima, e o cruzeiro que servia para a dita igreja velha por estar também arruinado o mandei por de novo no largo da igreja velha, onde actualmente está». Tratou-se de uma obra feita a expensas dos moradores, por subscrição pública.

Analisando os aspectos estilísticos e arquitectónicos do templo, o pós-graduado em Ciências Documentais refere que a arquitectura é simples e, devido às várias alterações, foi-se descharacterizando. Até há pouco tempo tinha as paredes exteriores revestidas a azulejos de branco e azul. Ainda assim, dizia Penteado Neiva, apresentava traços arquitectónicos «datáveis do século XVIII». Entretanto, os azulejos foram retirados, apresentando-se, por isso, mais bonita e mais aproximada da original.

No livro "Memórias Paroquiais de 1758", o abade de Fonte Boa dizia que esta era a única capela da paróquia, «sita no sobredito lugar da Alapela».



> Capela da Senhora das Graças, do século XVIII, no lugar da antiga igreja paroquial da Alapela



> Imagens do altar-mor da capela da Senhora das Graças



> Capela de Santo António foi ampliada e benzida em 1992

Grandes intervenções a partir de 1950

Há um vazio de notícias do templo durante quase dois séculos. Depois dos dados de 1758, desconhecemos como esteve. A partir de 1950, volta a ser notícia, porque, segundo Penteado Neiva, em 1951 estava arruinada. «No Inverno desse ano os madeiramentos do tecto abateram assim como o respectivo telhado, causando graves prejuízos», escreve no livro "Fonte Boa: Passado e Presente".

Nessa altura, o retábulo do altar-mor também sofreu bastante com o colapso do telhado. Entretanto, no ano seguinte, o pároco de então e o povo não cruzaram os braços e lançaram mãos à obra, realizando um cortejo de oferendas para o custo das obras de restauro. À época, aproveitaram para fazer uma intervenção geral, incluindo um pavimento novo. Mais tarde, em 1976, Sérgio Fernandes Pereira, devoto de Nossa Senhora das Graças, «mandou pintar

e dourar a talha». Recentemente, voltou a ser intervençionada, no interior e no exterior, com destaque para a retirada dos azulejos. Não deixa de ser estranho que, em 1758, o abade tenha dito que Senhora das Graças era a única capela da paróquia, quando se sabe que a capela do Senhor dos Passos, que ladeia a igreja paroquial, terá sido construída em 1718. A menos que a tenha considerado uma capela lateral da igreja paroquial. Aliás, do lado

oposto está a do Coração de Maria, construída em 1886. Sobre estas capelas já falámos. A outra capela da freguesia é a de Santo António, no lugar de Queimado. Trata-se de uma reconstrução e ampliação de uma bem mais pequenina. Foi reinaugurada e benzida, no dia do padroeiro, em 13 de Junho de 1992, pelo Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira. Curiosamente, a devoção original seria de Santo Antão.

Capela de S. Bento em Apúlia

fundada no século XVII

A capela de S. Bento, no lugar de Criaz, em Apúlia, foi fundada no século XVII, não sendo preciso o ano em que foi aberta ao culto uma vez que, alguns autores apontam o de 1635 e outros o ano de 1655. Contudo, salienta Manuel Albino Penteado Neiva, no seu livro "Apúlia na História e na Tradição", sabe-se «que em 13 de Fevereiro de 1656, 20 casais do lugar de Criaz, de entre eles Domingos Manuel Velho e Domingos Manuel Novo levantaram uma capela "...no seu monte maninho, estando acabada com chaves e o mais necessário».

«De seguida apresentaram-se perante o Notário para assinar um documento segundo o qual se comprometiam a dar para esta capela, a primeira a existir no aro da freguesia, "...a Imagem do Milagroso Senhor S. Bento e certas quantias de cereal para a sua fábrica de modo a haver nela Missa e Pregações», acrescenta.

O historiador salienta, por outro lado, que foi mandado fundir um sino para esta capela a 26 de Maio de 1728 "...por ser preciso por causa da Missa e de acompanhar o viático aos doentes».

Neste seu estudo, Manuel Albino Penteado Neiva realça ainda que a capela de S. Bento foi um dos templos que os Arcebispos de Braga D. Rodrigo da Moura Telles e D. Gaspar de Bragança visitaram quando se deslocaram à freguesia de Apúlia. O primeiro esteve no pequeno templo em 1719 e o segundo esteve em 1777 e em 1780. «Estas visitas denotam, sem dúvida, a sua importância na vida religiosa apuliense», sustenta o historiador.

Capela da Senhora da Caridade

Um pouco mais tardia é a capela da Senhora da Caridade, que foi edificada em 1881 também em Apúlia. Aliás, refere Manuel Albino Penteado Neiva, «o século XIX vai-se mostrar pródigo na edificação de novas capelas em Apúlia, sendo uma delas a de Nossa Senhora da Caridade». Usualmente, acrescenta o historiador, «este culto anda ligado a lugares onde se prestava o auxílio quer a doentes quer a mendigos e caminheiros». No caso desta capela, não é certo o motivo que terá levado à sua fundação, contudo, o que não deixa de ser curioso é facto de ter sido colocado mesmo à sua frente um pequeno nicho com um chapéu e uma vieira, símbolos dos peregrinos de Santiago.

Para o autor de "Apúlia na História e na Tradição", isto pode denotar



> A capela de São Bento foi visitada por dois Arcebispos de Braga



> Actual capela de Nossa Senhora da Guia substitui uma estrutura primitiva



> Capela da Senhora da Caridade sofreu obras em 1994

«que por aqui passaria um percurso, embora secundário, dos Caminhos de Santiago».

A capela da Senhora da Caridade está situada no centro de Apúlia, mais concretamente na esquina da Travessa da Igreja com a Rua da Igreja, possuindo uma fachada simples, voltada para o Norte.

«A data da sua fundação está inserida num pequeno frontão encimando a porta principal, a qual está ladeada por duas janelas gradeadas, abertas a um nível mais baixo», descreve Manuel Albino Penteado Neiva.

Para o historiador, «esta localização das janelas possibilitava a que os devotos, mesmo a capela estando fechada, pudessem ter um contacto visual com o interior e com o seu orago».

«A completar a decoração da fachada existe uma janela central, rectangular, e remata com um frontão contra-curvado com quatro pequenos coruchéus. Na parte central existe uma cruz, em granito, com braços trilobados», acrescenta. Por fim, Manuel Albino Penteado Neiva afirma também que esta

capela da Senhora da Caridade foi doada pela família de André Igreja à paróquia de Apúlia e, actualmente, encontra-se devidamente restaurada.

Capela da Senhora da Guia

Na Apúlia há ainda a destacar a capela de Nossa Senhora da Guia. A actual construção, em forma de barco, data de 1977, tendo substituído a primitiva capela que, segundo Manuel Penteado Neiva, foi construída no século XIX.

Essa capela dedicada a Nossa Senhora da Guia, explica, «foi mandada edificar por Manuel Inácio de Sousa, que a doou antes de 1936 à família Lopes dos Santos, naturais de Barqueiros, Barcelos».

«Julgo que estamos a falar da mesma capela que vulgarmente era conhecida pela capela do Tibúrcio. A devoção à Senhora da Guia é grande na zona do litoral, nomeadamente nas pessoas ligadas ao mar», acrescenta o historiador, realçando ainda que a Senhora da Guia é a padroeira dos barqueiros do rio Douro.



> No interior da capela de S. Torcato e S. Miguel, em Curvos, está a imagem de S. Miguel que, segundo Teotónio da Fonseca, se encontrava na capela primitiva que foi dismantelada pedra a pedra e trasladada para o local onde se encontra agora



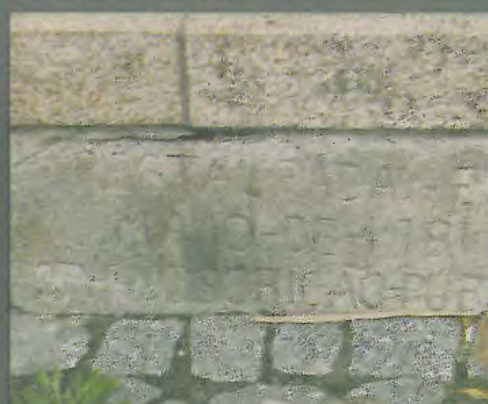
> Na capela do Senhor dos Aflitos, popularmente conhecida por capela da Rateira, existe uma imagem curiosa de Nossa Senhora com dois meninos ao colo. Esta é uma imagem que precisa de ser estudada



> Junto à igreja paroquial de Curvos encontra-se a capela do Senhor dos Passos. A sua fachada apresenta um trabalho notável em cantaria, onde se destacam os elementos ligados da Paixão de Cristo



> A capela de São Roque, em Forjães, possui uma bela envolvente onde, nos dias da romaria, as pessoas aproveitam para comer os farnéis em convívio. Antigamente fazia-se neste espaço uma feira



> Na capela de Nossa Senhora da Graça, no lugar da Santa, em Forjães, ficaram perpetuadas as obras realizadas em 1981, para as quais foi feita uma subscrição pública. Uma das intervenções foi a retirada da argamassa que cobria as paredes exteriores do pequeno templo



> A capela de S. Torcato e S. Miguel, em Curvos, possui uma bela pintura que data de 1901 e é da autoria de A. Cruz. O quadro, que retrata S. Torcato, foi recentemente restaurado